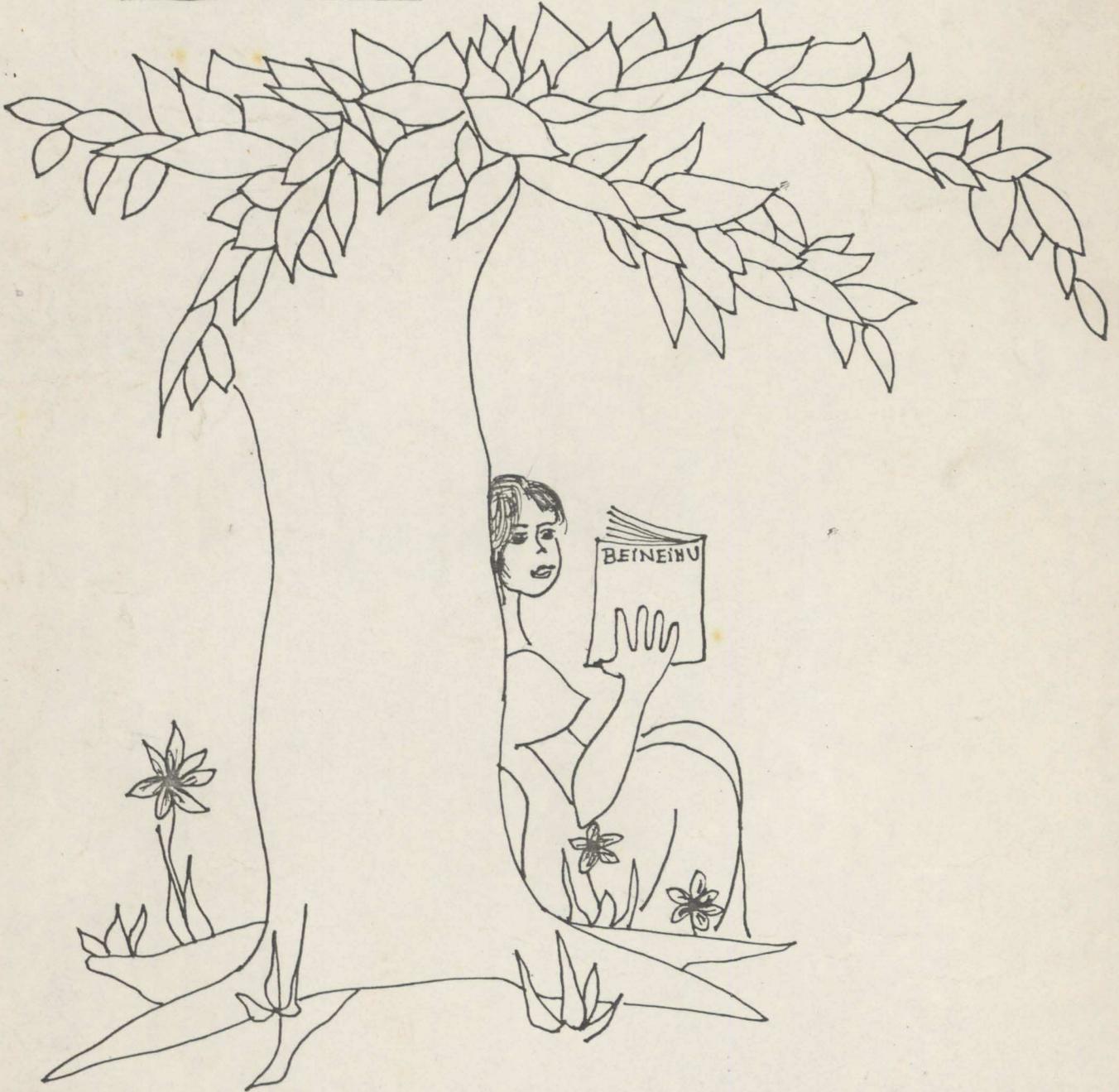




Movimento Juvenil Chalutziano "Habonim Dror"  
Snif São Paulo

הבונים דרור  
תנועת נוער חלוצית

# BEINEINU



itton - HABONIM - DROR - Nº 3 - 30 de Março de 1984



הבונים דרור  
תנועת נוער חלוצית

→ 1

EDITORIAL

O QUE VOCÊ ACHA?

Nesta edição continuaremos com artigos sobre Gezer. Desta vez é uma contribuição do Celsinho (é que eu sou muito íntimo dele). Ele fala do que sentiu e o que significou para ele estar em Gezer. Considero importante que todos os bogrim que passaram por Gezer, também deem seu "parecer". É importante transmitir à toda a tnuá a visão da nossa schichvá que, foi a primeira a passar um período prolongado em Gezer. Principalmente o shnat que permaneceu por 4 meses.

§ § §

Escutou-se muito na tnuá uma discussão sobre o Beit-Sefer. Se é importante ou não.

Eu penso que deveríamos "entrar de cabeça". Aproveitar o máximo possível tudo que eles tem à nos oferecer. O pessoal que trabalha, é um pessoal profissional envolvido com educação.

Eles tem à oferecer coisas que a tnuá não pode dar.

E você que é contra, porque não aproveitar? Você deve estar à par da "deficiência chinuchi" da tnuá. Qual é

a tua proposta? Não irmos e continuarmos como estamos. O que você resolve com isto?

Está bem você diz o pré-chug. Tá legal, eu concordo é importante.

Mas o beit-sefer dará muitas coisas que a tnuá não poderá dar. E são coisas importantes.

Olha, eu acredito que é importante a nossa participação no Beit-Sefer.

Beijos

LAERCIO SPATZ  
(merakez itonut)

Editor - Laercio  
Jornalista Resp. - Décio  
Datilógrafa - Jane



הבונים דרור  
תנועת נוער חלוצית

→ 2

Gezer! Gezer? Gezer...

É, pra quem não sabe, o Jolly (maskir do kibutz Gezer) tá chegando aqui no Brasil pra uma série de encontros em todo o Brasil, para poder sentir como anda a tnuá brasileira além do que manter um laço mais forte entre bogrim da tnuá com o kibutz.

Gezer, nesse ano que passou, ocupou quatro meses da minha vida, além de muitos fins de semana em que eu não podia deixar de visitar o pessoal brasileiro (Piu, Merlim, Kurt, etc...) ou a kvutzá machon onde estava "a outra metade" da minha kvutzá. Não posso negar que sempre fui muito bem recebido e que nossa estadia lá (kvutzá shnat) teve uma atenção muito especial. Porém, nem tudo são flores e Gezer vive muitos problemas internos que não podem ser esquecidos por ninguém quando se pensa que ele é atualmente o meshek aliá da tnuá brasileira.

Jolly tá chegando e essa é uma boa oportunidade, para quem não o conhece, de conhecer um cara muito legal e ficar a par do que é Gezer hoje.

Os encontros serão agora em abril e na semana santa haverá uma peguishá de bogrim.

Tai o recado.

CELSO (kvutzá shnat 83)



הבונים דרור  
תנועת נוער חלוצית

→ 3

COMO SE ENTRA NO KIBUTZ?

PARA QUÊ?

Ran Kochan vive com sua família, no kibutz ~~Tzora~~ Tzorá.

Não nasceu ali, se não que decidiu viver de acordo com os parâmetros da sociedade kibutziana.

Graduado universitário, em 1975 deixou a cidade e integrou-se em uma sociedade única em seu tipo no mundo. Ran Kochan é hoje o centralizador da absorção do movimento kibutziano Unido.

-Semana : O que oferece a sociedade kibutziana? com que argumentos se pode "vender"?

- Ran Kochan : Antes de tudo oferecemos um marco para o desenvolvimento humano. Um lugar perto a natureza, sem ruídos, sem todas as moléstias da vida urbana, sem o perigo de cruzar com delinquente, ou ser roubado. Mas isto não é de graça. Em troca exigimos compromisso, e trabalho - não menos esforço que em outros lados - mas um trabalho cujos os frutos se veem, se gozam e se desfrutam. A tarefa em conjunto implica obrigações que para muitos não deixam de representar um esforço considerável, e por outra parte permite uma maior liber-

dade de movimentos, ao deixar de lado obrigações que pesam sobre o habitante da cidade. Um vai ao trabalho, sem as preocupações "existenciais", se compromete com este trabalho que é parte dele mesmo e da comunidade. (e se houver necessidade, trabalhará mais horas), e volta para casa, para estar com sua família, para dedicar-se as atividades culturais que, talvez estejam mais às mãos dos habitantes da cidade, mas " " " , sem embargo, por problemas de tempo, mobilidade e dinheiro - para descansar , em síntese, para gozar dos frutos do trabalho.

-S : O senhor apresenta um lindo quadro de paz postoral, pragmático. Com quais argumentos ideológicos, você convence a uma pessoa de unir-se à um kibutz?

-R.K. : Mas esses argumentos também são ideológicos. Seguramente não os pinteí com palavras sofisticadas, mas a vida em comunidade, trabalhar para todos e para você mesmo, o desaparecimento de alienação do trabalho sob argumentos ideológicos. Ou tem que se sofrer para ser socialista?

-S: Sofrer não, mas há certos apertos em que o movimento ki-



הבונים דרור  
תנועת נוער חלוצית

→ 4

butziano que, estão um pouco de ideologia que lhe deu início. Há participações dos kibutzim na bolsa de valores, e no trabalho assalariado...

-R.K.: Antes de tudo, a participação na bolsa não é nenhum "pecado", desde o momento de que ela leve a seus objetivos declarados, quer dizer, o momento da indústria. Em segundo lugar, e dado que não somos uma instituição de caridade, senão uma sociedade que vive de seu trabalho, buscamos ali uma maneira de conservar

Onde está o problema? Quando os tesoureiros de alguns kibutzim - por sua própria conta e sem consultar a assembléia - decidiram "tomar a iniciativa" e converter a bolsa em outro "ramo de produção", sem dúvida o fizeram com a boa intenção de ajudar o kibutz. E se a bolsa não tivesse caído, ninguém saberia deste outro "ramo de produção". Mas caiu, e em muitos kibutzim houve fortes discussões ideológicas por esta causa; por não ter consultado a assembléia e por ter sido participante na especulação.

E quanto a mão de obra assalari-

ada, é algo que está se tratando de corrigir. Atualmente a maioria dos nossos assalariados são contratados durante os períodos em que necessitamos, sem mão-de-obra alternativa, como na época de colheita. A quem conosco trabalha desde muitos anos, temos oferecido participação em nossas empresas, no entanto quase nunca aceitaram, já que implica também na participação das perdas. A tendência é a auto-suficiência, mas isto levará um tempo, já que não podemos deixar na rua as pessoas com nos durante tanto tempo.

-S: Quais são os procedimentos para entrar em um kibutz?

-R.K.: Antes de tudo o interessado e seu conjugue (se é casado) devem passar por uma série de exames grafológicos e psicométricos. E somente se os resultados se mostram que será capaz de conviver em uma sociedade como o kibutz, o aceitamos. Depois de ter passado os exames, visitamo-los em sua casa para ver como se comporta em "seu território". Depois convidamos-los a um fim de semana no kibutz, posteriormente durante uma semana e logo três meses.



הבונים דרור  
תנועת נוער חלוצית

→ 5

Se salva todos os "obstáculos" entra no período de candidatura (pode ser um ano, pode ser mais) e no final a assembléia vota se aceita ou não. A partir desse momento passa a ser membro, vínculo que tem todas as características de um "casamento católico". Ninguém pode expulsá-lo ao menos que roube, mate ou viole. Por isto é muito importante a pré-seleção.

-S: E o papel da mulher? A "lenda" diz que vão todas para a cozinha ou para a casa das crianças. Não podem aspirar outra ocupação?

-R.K.: Lógico que podem. Mas exigimos dos casais recém chegados que um dos dois dedique-se à educação - de seus filhos - ou na prestação de serviços. É o "direito de piso", e não colocamos nenhuma dificuldade que sejam homens que assumem estas funções. Esta decisão fica nas mãos do casal. Dentro do movimento kibutziano existe um grupo de feministas - e já era tempo de aparecer - que se dedica a estudar e analisar o papel da mulher na sociedade kibutziana, impulsionando seu desenvolvimento e sua participação.

No ano anterior absorvemos 173 famílias, que junto com os solteiros representa uma cifra entre 2.000 e 2.500 pessoas. De acordo com a tendência de absorção, este ano dobraremos esta quantidade.

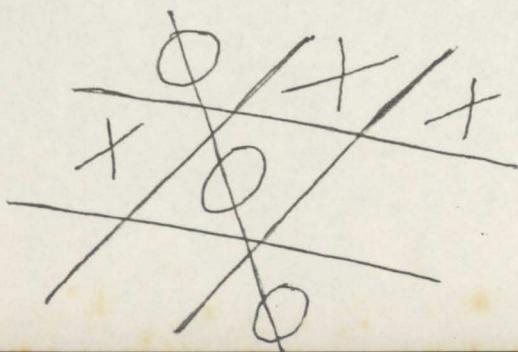
Esta entrevista foi extraída de "semana". De 28/7 a 3/8 de 1983. Revista sionista independente, publicada semanalmente em Israel, em castelhano.

Tradução: LAERCIO

"AS CRIANÇAS NO FUNDO SÃO FUNDAMENTAIS "

Problemas, qual o direito que o homem tem de brincar com a cabeça de uma criança? Sabemos que temos problemas e nunca paramos realmente para solucioná-los. Sabemos que temos problemas e continuamos à educar. Com que direitos? Nenhum, nós não estamos preparados para tal. O pior é que sabemos de nossas condições e continuamos à educar. É profundamente lamentável a nossa situação. Por quê não paramos com o cotidiano? Para não perder as nossas crianças? Acho simplesmente, que não devemos brincar com cabeças. Não precisamos ter objetivos de vida, mas sim, porquê lutamos? Pois é ...

UM CHAVER TNUÁ.





TÔ ADORANDO MORAR NA UERCA! PENA QUE A PRAIA LÁ SEJA CHEIA DE PRETOS!

UM HORROR...



ESTOU COM UMA OTÍMA EMPREGADA! A NEGRINHA É LIMPA, ACABA A COZINHA EUAI! PIZO QUARTO...



MACUMBA? EU, HEIM? VOU LÁ, MÊ METER COM ESTAS IGNORÂNCIAS DE PRETO....



RONALDO VAI SE CASAR SABIA? ELA É DE FAMÍLIA BRANCA...



O REX ÉSTA ENORME! É A SEGURANÇA DA CASA MENINA, ELE NÃO PODE VÊL PRETO! UMA BELEZA! DE CADA CORRIDA NA NEGRADA É...



Ô ZAZANA! EU TAMBÉM FUIHO DE DEUS MINHA FILHA ONDE É QUE VOCE APRENDEU ISTO?

COLABORAÇÃO: DIA.